



Hayek e Mises: Dos dias em Viena às Concepções sobre o Processo de Mercado*

*Richard M. Ebeling***

Resumo: O artigo explica a sua relação pessoal e profissional entre Friedrich A. Hayek e Ludwig von Mises durante o período entre as duas Guerras Mundiais e, também explica as concepções destes dois economistas sobre processo de mercado, papel do conhecimento, preços e expectativas empreendedoras na tendência de produzir coordenação do mercado competitivo. Além disso, discute aquelas áreas nas quais suas abordagens para tais questões eram complementares, o mesmo não acontecendo no que diz respeito à formação de expectativas no processo de mercado.

Palavras-Chave: Processo Competitivo, Cálculo Econômico, Empreendedorismo, Coordenação do Mercado, Sistema de Preços.

Hayek and Mises: From Vienna Days to Conceptions of the Market Process

Abstract: This article explains Friedrich A. Hayek and Ludwig von Mises personal and professional relationship during the period between the two World Wars, and explains their conceptions of the market process and the role of knowledge, prices and entrepreneurial expectations in tending to bring about competitive market coordination. Besides, it discusses those areas in which their approaches to these issues were complementary but not the same concerning expectations-formation in the market process.

Keywords: Competitive Process, Economic Calculation, Entrepreneurship, Market Coordination, Price System.

Classificação JEL: B13, B220, B221, B310, D8, E3, E5, P14, P16, P26.

* O presente artigo é uma versão inédita do texto que será publicado como um dos capítulos da obra *Elgar Companion To Hayekian Economics*, editada por Roger W. Garrison e Norman Barry.

Traduzido do original em inglês para o português por Claudio A. Tellez-Zepeda.

** **Richard M. Ebeling** é Distinguished Professor de Ética e Liderança Empresarial da academia militar The Citadel, em Charleston na Carolina do Sul. Cursou a graduação em Economia na California State University na cidade de Sacramento, o M.A. em Economia na Rutgers University no estado de New Jersey e o Ph.D. em Economia na Middlesex University, em Londres no Reino Unido. Foi presidente da Foundation for Economic Education (FEE). É pesquisador associado do Mises Institute em Auburn, no Alabama, membro do Conselho Acadêmico do Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista (CIEEP) e membro do Conselho Editorial de *MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia*. Foi o responsável pela publicação em três volumes pelo Liberty Fund de diversos textos de Ludwig von Mises que se encontravam nos arquivos soviéticos e atualmente está organizando para a Chicago University Press um dos volumes dos *Collected Works of F. A. Hayek*. É autor de inúmeros artigos publicados em diferentes periódicos acadêmicos e dos livros *Austrian Economics and the Political Economy of Freedom* (Edward Elgar, 2003) e *Political Economy, Public Policy, and Monetary Economics: Ludwig von Mises and the Austrian Tradition* (Routledge, 2010).

E-mail: rebeling@gmail.com

Não há um único homem a quem eu deva mais intelectualmente, mesmo que ele [Ludwig von Mises] nunca tenha sido meu professor no sentido institucional do termo [...] Apesar de dever a ele um estímulo decisivo em um ponto crucial de meu desenvolvimento intelectual, e inspiração contínua durante uma década, talvez eu tenha me beneficiado mais de seu ensinamento porque inicialmente não fui seu estudante na universidade, um jovem inocente que tomou suas palavras como um evangelho, mas cheguei a ele como um economista treinado [...] embora eu tenha aprendido que ele estava geralmente certo em suas conclusões, nem sempre fiquei satisfeito com seus argumentos, e mantive até o fim uma certa atitude crítica que às vezes forçou-me a elaborar construções diferentes, as quais, contudo, para meu grande deleite, em geral conduziram-me às mesmas conclusões.

F. A. Hayek¹

I - LUDWIG VON MISES E FRIEDRICH A. HAYEK EM VIENA

No século XX, os dois economistas identificados mais de perto como representantes da Escola Austríaca de Economia foram Ludwig von Mises (1881-1973) e Friedrich A. Hayek (1899-1992). De fato, mais do que quaisquer outros membros da Escola Austríaca, Mises e Hayek resumem a percepção pública e acadêmica a respeito da abordagem “austríaca” sobre o método e a teoria econômica, bem como uma perspectiva da política social e econômica orientada para o livre mercado. Seus nomes são inseparáveis da concepção da teoria “austríaca” do ciclo de negócios; ou da crítica “austríaca” do planejamento central socialista e da intervenção do governo; ou da perspectiva “austríaca” da competição e do processo de mercado; ou da ênfase “austríaca” sobre as características

singulares que separam as ciências sociais das ciências naturais².

Entretanto, como Hayek enfatiza na citação que abre este artigo, ele nunca estudou diretamente com Mises como seu aluno na Universidade de Viena; e, embora o considerasse como o pensador que sobre ele exerceu a maior influência em seus próprios anos de formação intelectual, nos anos 1920 e início dos anos 1930 aproximou-se das ideias de Mises com uma postura crítica. Nem sempre satisfeito com a cadeia de raciocínio específica por meio da qual Mises chegava a alguma conclusão em matérias de teoria ou política econômica, segundo Hayek, não obstante, ele atingisse, em geral, os mesmos resultados (ou resultados semelhantes), embora através de um processo lógico um tanto diferente.

O fato de que Hayek apreciou sua dívida intelectual para com os escritos do próprio Mises não foi simplesmente uma reflexão tardia nos anos posteriores que se seguiram ao seu agraciamento com o Prêmio Nobel de Economia, em 1974. Ele apreciava a envergadura intelectual de Mises desde a época em que entrou em sua órbita, em Viena, nos anos logo após o fim da Primeira Guerra Mundial.

I.1 - Ludwig von Mises em Viena

Ludwig von Mises era dezoito anos mais velho do que Hayek, e nasceu em 29 de setembro de 1881 em Lemberg, a capital do reino Habsburgo da Galícia, um canto remoto situado a leste no Império Áustro-Húngaro, que fazia fronteira com o Império Russo. A família de Mises era constituída de membros proeminentes da comunidade judaica ortodoxa na Galícia, que eram fortemente liberais em suas posições quanto à reforma social; seu bisavô

¹ HAYEK, F. A. Coping with Ignorance. *Imprimis*, Vol. 7 (1978): 17-18.

² Sobre as ideias dos economistas austríacos, desde a fundação da Escola nos anos 1870 até a época da Primeira Guerra Mundial, ver: EBELING, Richard. An “Austrian” Interpretation of the Meaning of Austrian Economics: History, Methodology, and Theory. In: KOPPL, Roger; HORWITZ, Steven & DESROCHERS, Pierre (Eds.). *Advances in Austrian Economics*, vol. 14. Bingley, UK: Emerald Group, 2010.

fora tornado nobre pelo imperador Franz Joseph I (1830-1916) com o hereditário “Edler von”, poucos meses antes do nascimento de Ludwig, em reconhecimento pelos seus serviços como líder da comunidade judaica naquela parte dos domínios dos Habsburgo.

O pai de Ludwig mudou seu ramo da família para Viena no início da década de 1890. Após frequentar o *Academisches Gymnasium* (uma escola secundária voltada para aqueles que planejavam continuar para o ensino superior), Mises entrou na Universidade de Viena em 1900, planejando especializar-se em história. Contudo, em 1903, descobriu o livro *Principles of Economics* [Princípios de Economia]³ de Carl Menger (1840-1921), a obra fundadora da Escola Austríaca, que exerceu impacto tão profundo sobre o jovem Mises de 22 anos que o fez decidir tornar-se um economista. Graduou-se em 1906, com um doutorado em jurisprudência, dado que, na Universidade de Viena, estudava-se economia na Faculdade de Direito⁴.

Mises já havia começado a criar uma imagem controversa de si próprio mesmo antes da Primeira Guerra Mundial. Causou uma pequena agitação em alguns círculos oficiais quando desafiou, em uma série de artigos publicados em revistas acadêmicas entre 1907 e 1910, a relutância do Banco Áustro-Húngaro para finalizar as reformas monetárias que começaram em 1892 para estabelecer formalmente o padrão-ouro no Império Habsburgo, com o resgate legalmente exigido das notas e depósitos austríacos em

troca de moeda em espécie⁵. E já era um contundente crítico liberal dos encargos fiscal e regulatório crescentes do governo austríaco no desenvolvimento econômico e fiscal do país⁶.

Mises publicou seu primeiro grande trabalho em junho de 1912, *The Theory of Money and Credit*⁷, e com base nisso recebeu, em fevereiro de 1913, o cargo de *Privatdozent* (um professor não-assalariado) na Universidade de Viena, o que lhe permitia oferecer um seminário a cada período; foi promovido a ‘professor extraordinário’ em 1918, um título honorífico de ‘direito de estabilidade’ como professor não-assalariado⁸.

³ Menger, Carl. *Principles of Economics*. New York: New York University Press, 1981 [1871].

⁴ Sobre o pano de fundo familiar, a educação e o ambiente cultural vienense em geral de Mises quando era um jovem na Áustria, ver: EBELING, Richard. *Political Economy, Public Policy, and Monetary Economics: Ludwig von Mises and the Austrian Tradition*. London & New York: Routledge, 2010a. p. 36-56; e minha introdução a EBELING, Richard (Ed.). *Selected Writings of Ludwig von Mises, vol. 1: Monetary and Economic Policy Problems Before, During and After the Great War*. Indianapolis, IN: Liberty Fund, 2012.

⁵ Mises, Ludwig von. The Political-Economic Motives of the Austrian Currency Reform. In: EBELING, Richard (Ed.). *Selected Writings of Ludwig von Mises*. Indianapolis: Liberty Fund, 2012 [1907]. p. 3-20; Mises, Ludwig von. The Problem of Legal Resumption of Specie Payments in Austria-Hungary. In: EBELING, Richard (Ed.). *Selected Writings of Ludwig von Mises*. Indianapolis: Liberty Fund, 2012 [1909]. p. 31-82; Mises, Ludwig von. On the Problem of Legal Resumption of Specie Payments in Austria-Hungary. In: EBELING, Richard (Ed.). *Selected Writings of Ludwig von Mises*. Indianapolis, IN: Liberty Fund, 2012 [1910a]. p. 95-103. De acordo com as *Memoirs* de Mises (Mises, Ludwig von. *Memoirs*. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2009 [1940]. p. 35-39), parece que embora o banco central tenha *de facto* estado resgatando notas e depósitos por ouro desde o final do século XIX, as autoridades do banco central e os membros do parlamento austríaco relutavam em tornar o resgate *de jure* porque algumas das receitas obtidas das transações com moedas estrangeiras eram utilizadas para diversos fins de corrupção por parte de oficiais do banco e do governo, que temiam que a maior transparência da convertibilidade legal pudesse chamar a atenção nos métodos de contabilidade do banco central. A respeito dos escritos monetários de Mises antes da Primeira Guerra Mundial, ver: EBELING. *Political Economy, Public Policy, and Monetary Economics*. p. 57-87.

⁶ Mises, Ludwig von. Financial Reform in Austria. In: EBELING, Richard (Ed.). *Selected Writings of Ludwig von Mises*. Indianapolis, IN: Liberty Fund, 2012 [1910]. p. 117-130.

⁷ Mises, Ludwig von. *The Theory of Money and Credit*. Indianapolis, IN: Liberty Fund, 1980 [1912].

⁸ A aula inaugural de Mises na Universidade de Viena foi Mises, Ludwig von. On Rising Prices and Purchasing

The Theory of Money and Credit tentava avançar a teoria monetária em várias direções. Primeiro, seguindo a orientação da monografia de 1892 de Carl Menger sobre “moeda”, Mises desenvolveu uma formulação “subjetivista” e “marginal” da abordagem do saldo de caixa para explicar o valor geral ou o poder de compra da unidade monetária, com base na demanda individual por moeda. Em segundo lugar, desenvolveu uma teoria com embasamento completamente micro da não-neutralidade da moeda através de uma análise do processo sequencial no tempo resultante de mudanças na quantidade de moeda em termos de seu impacto na estrutura dos preços e salários relativos, parcelas de renda relativas, e a alocação de recursos entre usos concorrentes na economia, cujo resultado no longo prazo seria uma mudança total na escala geral de preços na economia.

E, terceiro, Mises tentou integrar a teoria do capital e do juro de Eugen von Böhm-Bawerk (1851-1914) com a análise mais recente de Knut Wicksell (1851-1926) a respeito de como mudanças na oferta de moeda e de crédito podem acarretar uma discrepância entre a “taxa natural” e as “taxas monetárias” de juros. O resultado foi uma teoria do ciclo de negócios que enfatizava o crescimento súbito insustentável que prepara o terreno para um declínio econômico: uma desorientação de recursos e investimento equivocado (*ma-*

linvestment) do capital, provocado por uma expansão do crédito que empurra as taxas monetárias de juros abaixo da “taxa natural” e, portanto, que resulta em uma estrutura temporal de investimentos inconsistente com a qualidade de poupança real disponível¹⁰.

Embora sua reputação acadêmica inicial fosse baseada em seus escritos como teórico monetário, Mises ganhou a vida por quase um quarto de século, de 1909 a 1934, como analista econômico sênior na Câmara de Comércio e Indústria de Viena. Era responsável por avaliação e recomendações de políticas em nome da comunidade de negócios de Viena com relação a uma ampla variedade de questões monetárias, fiscais e legislativas de regulamentação que apareciam perante o parlamento austríaco¹¹.

Seu primeiro cargo acadêmico de tempo integral veio somente em 1934, aos 53 anos de idade, quando foi convidado pelo *Graduate Institute of International Studies* em Genebra, Suíça, para ocupar uma cadeira como professor visitante de Relações Econômicas Internacionais. Mises manteve esta posição até o verão de 1940, quando foi para os Estados Unidos, escapando das incertezas de uma Europa cada vez mais devastada pela guerra, enquanto os Países Baixos e a França caíam sob o controle de Adolf Hitler (1889-1945) em maio e junho daquele ano.

Power Policies. In: EBELING, Richard (Ed.). **Selected Writings of Ludwig von Mises**. Indianapolis: Liberty Fund, 2012 [1913], desde já mostrando suas posições fortes contra o ‘ativismo’ monetário por parte dos governos e dos bancos centrais. Ver também MISES, Ludwig von. *The General Rise in Prices in the Light of Economic Theory*. In: EBELING, Richard (Ed.). **Selected Writings of Ludwig von Mises**. Indianapolis, IN: Liberty Fund, 2012 [1913b]. p. 131-155, no qual também já demonstrava, em suas considerações iniciais, sua postura crítica dos métodos indutivos mal empregados na elaboração da teoria econômica.

⁹ MENER, Carl. *Money*. In: LATZER, Michael & SCHMITZ, Stefan W. (Eds.). **Carl Menger and the Evolution of Payments Systems: From Barter to Electronic Money**. Brookfield, VT: Edward Elgar, 2002 [1892]. p. 25-107.

¹⁰ Hayek considerava *The Theory of Money and Credit* de Mises “durante muitos anos, o trabalho mais profundo e satisfatório disponível sobre o assunto” (HAYEK, F. A.; KLEIN, Peter G. (Ed.). **The Collected Writings of F. A. Hayek, Vol. 4: The Fortunes of Liberalism, Essays on Austrian Economics and the Ideal of Freedom**. Chicago: University of Chicago Press, 1992. p. 127).

¹¹ A respeito dos trabalhos e escritos de Mises para a Câmara de Comércio de Viena durante o período entre-guerras, ver EBELING. **Political Economy, Public Policy, and Monetary Economics**. p. 88-140, e minha introdução a EBELING, Richard. **Austrian Economics and the Political Economy of Freedom**. Brookfield, VT: Edward Elgar, 2003.

I.2 - Friedrich A. Hayek em Viena

Friedrich August von Hayek nasceu em 8 de maio de 1899, um ano antes do ingresso de Mises na Universidade de Viena. Hayek retornou após ter lutado no exército austríaco na frente italiana durante a Primeira Guerra Mundial, e matriculou-se na Universidade de Viena logo após voltar para casa, no final de 1918. Como veterano de guerra, estava capacitado para ingressar em um programa acelerado que lhe permitiu obter seu doutorado em jurisprudência em 1921. Estava dividido entre concentrar-se em psicologia ou em economia, e terminou optando por esta última, pois oferecia um plano de carreira mais viável, dada a situação do emprego na Viena do pós-guerra. Obteve um segundo doutorado em ciência política em 1923¹².

Mas foi depois da obtenção de seu primeiro doutorado em 1921 que começou seu relacionamento de uma década com Mises. Na universidade, Hayek estudou com uma das principais figuras da Escola Austríaca “mais antiga”, Friedrich von Wieser (1851-1926). Carl Menger, o fundador da Escola Austríaca, tinha se aposentado de seu cargo docente na universidade em 1903 e fora substituído por Wieser, que tinha sido professor na Universidade Alemã de Praga. Eugen von Böhm-Bawerk, cunhado de Wieser e a outra grande figura que ajudara a criar a reputação internacional da Escola Austríaca nas últimas décadas do século XIX e nos primeiros anos do século XX, faleceu em 1914, após oferecer um renomado seminário de pós-graduação na Universidade de Viena por quase uma década, e do qual tanto Ludwig von Mises quanto Joseph A. Schumpeter (1883-1950) participaram.

Hayek nos diz que foi enormemente seduzido por Friedrich von Wieser, tanto como acadêmico quanto como personalidade, chegando mesmo a sofrer de algum grau de

“adoração de herói” estudantil¹³. Quando obteve o título em 1921 e precisava de um emprego, Wieser escreveu uma carta de apresentação para ele, dirigida a Mises, que, naquela época, além de suas obrigações na Câmara de Comércio, estava a cargo de um escritório especial de contas criado pela Liga das Nações para colocar em ordem as dívidas do governo austríaco anteriores à guerra entre os “Estados sucessores” que ocuparam o lugar do Império Habsburgo. Mais de uma vez, Hayek relatou aquele primeiro encontro com Mises:

Lembro vividamente como, após apresentar a Mises minha carta de apresentação escrita por Wieser, na qual fui descrito como um jovem economista promissor, Mises disse: “Bem, nunca o vi em minhas aulas”. Isso era quase totalmente verdadeiro. Eu tinha visto uma de suas aulas e pensei que um homem tão conspicuamente antipático ao tipo de visão [socialista] fabiana que eu mantinha na época não era o tipo de pessoa com quem eu desejava seguir. Mas, obviamente, as coisas mudaram. Aquele encontro foi o começo. Após uma breve conversa, Mises perguntou: “Quando poderá começar a trabalhar?” Isso levou a uma colaboração duradoura e próxima [...]. Durante [os] dez anos seguintes, ele certamente exerceu mais influência sobre a minha perspectiva econômica do que qualquer outro homem¹⁴.

Hayek descobriu em Mises um economista extraordinariamente produtivo e um administrador eficiente. Sobre Mises, disse Hayek, que:

O tipo de homem, que, tal como diziam a respeito de John Stuart Mill (1806-1873), dado que realizava em duas horas o trabalho de uma jornada normal, tinha sempre uma mesa limpa e tempo para conversar so-

¹² CALDWELL, Bruce. **Hayek's Challenge: An Intellectual Biography of F. A. Hayek**. Chicago: University of Chicago Press, 2004. p. 133-149.

¹³ Porém, tal como Mises, Hayek também observou que uma “influência decisiva” sobre seu pensamento econômico veio da leitura do *Principles* de Menger (HAYEK, F. A.; KRESGE, Stephen & WENAR, Leif (Eds.). **Hayek on Hayek**. Chicago: University of Chicago Press, 1994. p. 57).

¹⁴ HAYEK, F. A. *Coping with Ignorance*. Reimpresso em: **Knowledge, Evolution and Society**. London: Adam Smith Institute, 1983 [1978]. p. 17-18.

bre qualquer coisa. Vim a conhecê-lo como um dos homens mais educados e informados que jamais conheci e, o que era o mais importante na época da grande inflação [como a que a Áustria e a Alemanha estavam vivendo no início da década de 1920], como o único homem que realmente entendia o que estava acontecendo¹⁵.

Para Hayek, Mises não era simplesmente um economista. Aos olhos de Hayek, o “conhecimento agudo” e a “profunda sabedoria” de Mises seguia mais “na tradição dos grandes filósofos morais” tais como Montesquieu (1689-1755), Voltaire (1694-1778), Adam Smith (1723-1790) ou Alexis de Tocqueville (1805-1859).

Quando Hayek esteve nos Estados Unidos em meados da década de 1920, e tentou “explicar o posicionamento de Mises em praticamente as mesmas palavras para Wesley Clair Mitchell (1874-1948), em *New York*”, deparou-se “somente – talvez compreensivelmente – com um ceticismo polidamente irônico”¹⁶.

O que deu início a essa influência sobre a visão de Hayek a respeito da economia e da filosofia social em geral foi a impressão deixada pelo livro que Mises publicou em 1922, *Socialism: An Economic and Sociological Analysis*¹⁷. Esse livro originou-se de um artigo acadêmico publicado por Mises dois anos antes, em 1920, sobre “*Economic Calculation in the Socialist Commonwealth*”¹⁸. Perto do fim da Primeira Guerra Mundial, testemunhou a ascensão dos bolcheviques na Rússia ao poder em 1917, regimes marxistas de curta duração na Hungria e Bavária em 1919, e grandes movimentos socialistas na Alemanha e na Áustria, reivindicando a abolição da propriedade privada e a

implementação de economias de planejamento central.

Mises levantou uma questão fundamental a respeito da instituição de uma sociedade planejada socialista: como os recém estabelecidos planejadores centrais saberiam planejar uma economia racional e de maneira eficiente uma vez que a propriedade privada dos meios de produção fosse abolida, a competição de mercado tivesse sido anulada, e os preços monetários gerados pelo mercado não mais existissem?

O argumento essencial de Mises foi que a única maneira realista e significativa para determinar o valor que as pessoas conferem a bens de consumo e aos serviços alternativos que poderiam comprar, e a única maneira para determinar de forma eficiente os custos de oportunidade de empregar os meios de produção escassos em seus usos concorrentes potenciais, seria através de um sistema de preços baseado no mercado. As “coisas” físicas heterogêneas do mundo, que eram potencialmente utilizáveis para os usos dos homens, poderiam ser reduzidas a um denominador comum valorativo por meio do qual os empreendedores poderiam calcular racionalmente as maneiras mais lucrativas de orientar a produção para o propósito de satisfazer os desejos expressos de maneira mais urgente do público comprador. O socialismo, ao abolir as instituições cruciais, sem as quais isto seria “impossível”, não significava uma cornucópia maior e mais produtiva para a humanidade, mas, ao invés disso, um “caos econômico planejado”.

Esta crítica da viabilidade econômica de uma economia socialista foi colocada sobre uma base muito mais ampla no tratado de Mises, *Socialism*. Aqui, Mises ampliou a análise, para incluir as dimensões social, política, histórica, ética e cultural de uma ordem coletivista total e compreensivamente implementada. E, virtualmente a partir de todos os ângulos, Mises descobriu que o sonho socialista não passava de uma via para a estagnação social, a tirania política, e a irracionalidade econômica. De fato, conforme Hayek sugeriu,

¹⁵ HAYEK & KLEIN (Ed.). *The Collected Writings of F. A. Hayek*, Vol. 4. p. 132.

¹⁶ Idem. *Ibidem.*, p. 153.

¹⁷ MISES, Ludwig von. *Socialism: An Economic and Sociological Analysis*. Indianapolis, IN: Liberty Fund, 1981 [1922].

¹⁸ MISES, Ludwig von. *Economic Calculation in the Socialist Commonwealth*. Auburn, Alabama: Ludwig von Mises Institute, 1990 [1920].

essa obra ultrapassou o domínio mais estreito do mero marco referencial do economista.

Anos mais tarde, Hayek afirmou que: Quando *Socialism* apareceu primeiramente em 1922, seu impacto foi profundo. A obra alterou gradualmente a perspectiva de muitos dos jovens idealistas que retornavam a seus estudos universitários após a Primeira Guerra Mundial. Eu sei, porque era um deles [...] O socialismo apresentava-se como uma promessa para preencher nossas esperanças de um mundo mais racional e mais justo. E então este livro apareceu. Nossas esperanças foram arrasadas. *Socialism* mostrou-nos que tínhamos procurado por melhorias na direção errada [...] [P]ara aqueles de nós que sentiram seu primeiro impacto, *Socialism* sempre será a sua [de Mises] contribuição decisiva. Desafiou a perspectiva de uma geração e alterou, mesmo se apenas lentamente, o pensamento de muitos [...] O mundo nunca mais foi o mesmo para nenhum de nós, homens jovens, que lemos o livro quando apareceu. Se [Wilhelm] Röpke (1899-1966) estivesse aqui, ou [Lionel] Robbins (1898-1984), ou [Bertil] Ohlin (1899-1979) – somente para mencionar aqueles que têm exatamente a mesma idade que eu –, diriam a mesma coisa [...] Embora houvesse poucos seguidores incondicionais no início, conquistou o interesse e admiração de uma geração mais jovem e atraiu aqueles que se preocupavam com a fronteira entre a teoria social e a filosofia [...] [P]ara nossa geração, deverá permanecer como a produção mais memorável e decisiva da carreira do professor Mises¹⁹.

Após passar mais de um ano nos Estados Unidos, Hayek retornou a Viena e continuou trabalhando para Mises no escritório de contas da Liga das Nações a respeito das obrigações de dívida da Áustria do pré-guerra. Hayek também começou a frequentar regularmente o já famoso *privatseminar* de Mises, que reunia economistas, cientistas políticos, sociólogos, filósofos e historiadores para discussões de amplo espectro sobre virtualmente

todos os aspectos das ciências humanas; muitos de seus participantes tornaram-se internacionalmente renomados em suas próprias áreas acadêmicas. Muitos dos que participaram do seminário lembraram, anos mais tarde, que o consideraram como uma das experiências intelectuais mais desafiadoras e recompensadoras de suas vidas, devido à qualidade consistente dos artigos apresentados e das discussões que se seguiam²⁰. A lista parcial de temas e tópicos discutidos nos artigos apresentados no seminário privado, que estão entre os “artigos perdidos” de Mises, mostra que, durante os anos em que Hayek participou, realizou apresentações sobre a teoria da imputação, política de crédito e bancária, estabilização do nível de preços e uma variedade de assuntos relacionados.

Depois que Mises renunciou a seu papel administrativo no escritório de contas em fevereiro de 1925, e retornou a suas obrigações de tempo integral na Câmara de Comércio de Viena, Hayek procurou por uma posição que pagasse melhor, dado que havia contraído matrimônio recentemente. Incapaz de obter um emprego para Hayek na Câmara de Comércio, Mises levou adiante um plano alternativo para auxiliar seu jovem amigo. Enquanto esteve nos Estados Unidos, Hayek passou um bom tempo estudando diversos métodos estatísticos desenvolvidos por economistas americanos para investigar as fases do ciclo de negócios. Embora muitos desses métodos estatísticos certamente estejam ultrapassados agora, na Viena de meados e final dos anos 1920, Hayek possuía conhecimento “de ponta” das técnicas empíricas, um conhecimento

¹⁹ HAYEK & KLEIN (Ed.). *The Collected Writings of F. A. Hayek*, Vol. 4. p. 133-40.

²⁰ MISES. *Memoirs*. p. 81-83; MISES, Magrit von. *My Years with Ludwig von Mises*. 2nd enlarged edition. Cedar Falls: Center for Futures Education, 1978. p. 202-211. Para algumas reminiscências por participantes do seminário privado de Mises, que se reuniam duas vezes por mês em seu escritório na Câmara de Comércio entre outubro e junho de cada ano, de 1920 a 1934, inclusive aquelas de Gottfried Haberler e Fritz Machlup, ver MISES. *My Years with Ludwig von Mises*. p. 202-11. Para uma breve descrição e recordação afetiva do próprio Mises a respeito do seminário privado, ver MISES. *Memoirs*. p. 81-83.

que poucos tinham no mundo germanófono, e certamente não na Áustria daquela época²¹.

Mises, que, a partir de sua posição na Câmara de Comércio era bem conhecido e altamente respeitado nos círculos de negócios austríacos, providenciou a aprovação legal e financeira para a criação do *Austrian Institute for Business Cycle Research* [Instituto Austríaco para Pesquisas Sobre o Ciclo de Negócios],

²¹ Os usos e limites dos métodos estatísticos na economia foi, de fato, um tema significativo entre muitos dos economistas austríacos mais jovens durante essa época. Por exemplo, o primeiro livro de Gottfried Haberler foi *Der Sinn der Indexzahlen* [O Significado dos Números-Índice] (HABERLER, Gottfried. **Der Sinn der Indexzahlen**. Munich: J.C.B. Mohr, 1927), uma análise dos problemas e das dificuldades microeconômicas com os índices de preços agregados para estimar mudanças nos rendimentos reais e o valor real dos pagamentos diferidos ao longo do tempo. Também enfatizou os limites dos agregados de preços macroeconômicos para qualquer análise bem-sucedida da natureza e das fases do ciclo de negócios (HABERLER, Gottfried. *A New Index Number and Its Meaning*. Reimpresso em: KOO, Anthony Y. C. (Ed.). **The Liberal Economic Order, Vol. II: Money, Cycles and Related Themes**. Brookfield: Edward Elgar, 1993 [1928]. p. 107-117). Ver, também, sua monografia de 1931 (HABERLER, Gottfried. **The Different Meanings Attached to the Term "Fluctuations in the Purchasing Power of Gold" and the Best Instrument or Instruments for Measuring Such Fluctuations**. Genebra: Liga das Nações, F/Gold/74, March 1931). Em 1928, Oskar Morgenstern publicou seu primeiro livro sobre Previsão Econômica: Uma Análise de Seus Pressupostos e Possibilidades (MORGENSTERN, Oskar. **Wirtschaftsprognosen, eine Untersuchung ihrer Voraussetzungen und Möglichkeiten**. Vienna: Julius Springer Verlag, 1928), no qual concluiu que a aplicação das técnicas estatísticas para a previsão bem-sucedida de eventos econômicos futuros era virtualmente impossível. Temos aqui, nas questões levantadas a respeito do conhecimento humano e de como as pessoas formam expectativas interpessoais, ideias que mais tarde foram clarificadas e formalizadas em sua contribuição à teoria dos jogos (VON NEUMANN, John & MORGENSTERN, Oskar. **The Theory of Games and Economic Behavior**. Princeton: Princeton University Press, 1944). Para um resumo e avaliação crítica dos argumentos de Morgenstern sobre os limites e impossibilidades da previsão econômica, ver: MARGET, Arthur W. Morgenstern on the Methodology of Economic Forecasting. **Journal of Political Economy** (June 1929): 312-339.

propondo Hayek como seu diretor²². Em novembro de 1926, Mises explicou o propósito para um tal instituto em uma conferência dos diretores executivos de várias Câmaras de Comércio austríacas. Um ponto central para o argumento em prol de tal instituto, argumentou Mises, seria sua independência imparcial em seus estudos analíticos e estatísticos das condições econômicas na Áustria; sua autonomia o colocaria acima e à parte da política, algo que não aconteceria caso esses estudos fossem realizados dentro da Câmara de Comércio, uma vez que se supunha que ela falasse em nome dos "interesses" dos negócios. De acordo com Mises:

O *Institute for Business Cycle Research* nunca competirá com essas agências de política econômica tais como as Câmaras de Comércio. Em vez disso, empregará, na análise dos dados estatísticos, toda a sua gama de conhecimento acadêmico no campo da economia, para extrair verdades a partir dos meros números, evidências irrefutáveis da multiplicidade de dados subjetivos e corruptíveis. Somente assim o material estatístico alcançará um nível de qualificação e maturidade para ser levado em consideração e empregado pelos formuladores de políticas econômicas. As estatísticas, em si mesmas, são meros instrumentos para o entendimento e exploração dos dados econômicos. Somente após um tratamento minucioso, objetivo e científico, tais dados estatísticos atingem o status de verdade objetiva e servem ao bem comum, e somente então o valor dos esforços daqueles que coletaram esses dados será

²² Ver HAYEK ; KRESGE & WENAR (Eds.). **Hayek on Hayek**. p. 68-69: "Assim que fui empregado naquele escritório [o escritório de contas], nosso contato rapidamente tornou-se próximo, e durante os oito anos seguintes Mises foi, inquestionavelmente, o contato pessoal do qual mais me beneficiei, não somente na forma de estímulo intelectual, mas também por sua ajuda direta em minha carreira ... É também a Mises que devo a criação do *Austrian Institute for Business Cycle Research*, o qual concebeu, acredito, em grande medida com o propósito de me sustentar após ter fracassado em contratar-me como um tipo de assistente científico na Câmara de Comércio, onde mantinha seu emprego principal (para o propósito de estabelecer ali, sob sua orientação, uma divisão de pesquisa econômica).

apreciado [...] As descobertas do *Institute* oferecerão, a todos os segmentos políticos e a todos os interesses político-econômicos, uma fundamentação sólida para a tomada de decisões confiável.²³

O *Austrian Institute for Business Cycle Research* abriu suas portas em janeiro de 1927, no mesmo edifício da Câmara de Comércio de Viena, com Hayek como seu diretor-fundador, com a idade de 28 anos. Até sua ida para Genebra no verão de 1934, Mises agiu como um vice-presidente atuante para o *Institute*. Em 1930, Mises também ajudou a conseguir, da Fundação Rockefeller, apoio financeiro para Hayek e o *Institute*, um apoio que continuou até 1938²⁴. Especialmente devido ao início da Grande Depressão, o subsídio da Rockefeller tornou-se crucial. Já em dezembro de 1930, Hayek comunicou ao conselho de administração do *Institute* que o pagamento de taxas dos membros austríacos para a organização estava estagnado, e recomendou o início de uma campanha de relações públicas (publicidade). Mises, de acordo com as atas da discussão que se seguiu, argumentou fortemente, entretanto, que o formato de qualquer anúncio deveria evitar ser “muito americano” em seu estilo!

Dentro de um curto espaço de tempo, o *Institute* estava publicando um boletim mensal sobre condições e tendências econômicas na Áustria e na Europa Central em geral (com todas as matérias sendo praticamente escritas por Hayek nos primeiros anos). Foi devido a um desses boletins, na primavera de 1929, que Hayek às vezes recebe o crédito por ter “previsto” o advento da Grande Depressão nos Estados Unidos. Sugeriu que a depressão

econômica, que já afetava partes da Europa, provavelmente não terminaria até que as taxas de juros diminuíssem, e isso dependia de um fim do crescimento econômico acelerado na América, o que considerava plausível de ocorrer dentro dos próximos meses²⁵.

Os arquivos do *Austrian Institute for Business Cycle Research* e da Liga das Nações em Genebra mostram que o *Institute* estava trabalhando e preparando relatórios periodicamente para o “serviço de inteligência econômica” da Liga. Por exemplo, somente pouco mais de um ano após o início do funcionamento do *Institute*, ele organizou, em março de 1928, uma reunião dos institutos de ciclo de negócios da Europa Central com dois dias de duração, em Viena, na qual Hayek recomendou uma parceria para padronizar a metodologia utilizada pelas organizações em sua coleta de dados estatísticos, especialmente em termos de índices de nível de preços, taxas de juros, níveis de produção, preços do mercado de ações, tráfico ferroviário, e desemprego e comércio exterior; e propôs que esses institutos deveriam sincronizar a publicação de suas respectivas descobertas mensais.

Em 1930, Hayek preparou exposições de gráficos e de dados estatísticos para as duas conferências sobre ciclo de negócios realizadas, respectivamente, em Londres e Berlim, que foram bem recebidas em ambos os eventos. Em março de 1931, Hayek viajou para Genebra, para uma conferência patrocinada pela Liga dos institutos de pesquisa econômica sobre a crise econômica, na qual resumiu as origens e o impacto da Grande Depressão na Áustria até aquele momento. E, novamente, participou de um encontro organizado pela Liga em Genebra, em julho de 1931, como parte de um esforço para coordenar as atividades de pesquisa dos diversos institutos econômicos e de ciclo de negócios. O instituto também iniciou uma série de livros, sob o título geral de “*Contributions to Business Cycle Research*”,

²³ MISES, Ludwig von. On the Necessity of Objective and Scholarly Treatment of Statistical Data by ‘The Austrian Institute for Business Cycle Research’. **Remarks delivered before the Executive Directors’ Conference of all [Austrian] Chambers of Commerce, Crafts, and Industry**. 15 nov. 1926.

²⁴ LEONARD, Robert. The Collapse of Interwar Austria: Oskar Morgenstern’s Community, 1925-1950. **History of Political Economy** (Winter 2011): 82-130. p. 92-93.

²⁵ HAYEK, F. A. Interview with Dr. Friedrich A. von Hayek. **Gold and Silver Newsletter** (June 1975): 2.

cujos primeiros volumes foram o *Monetary Theory and the Trade Cycle*, de Hayek²⁶, *The Stock Market, Credit, and Capital Formation*, de Fritz Machlup (1902-1983)²⁷, e *Prices and Production*, de Hayek²⁸.

Hayek apresentou as quatro palestras que vieram a se tornar o *Prices and Production* na *London School of Economics* (LSE), no final de janeiro de 1931. Pouco tempo depois, recebeu a oferta da Cátedra Tooke em Ciência Econômica e Estatística na LSE, e mudou-se para a Inglaterra no verão de 1931, para assumir suas obrigações docentes no período do outono²⁹.

²⁶ HAYEK, F. A. *Monetary Theory and the Trade Cycle*. Reimpresso em: KLAUSINGER, Hansjoerg (Ed.). **The Collected Writings of F. A. Hayek**, vol. 7: Business Cycles, Part I. Chicago: University of Chicago Press, 2012 [1929].

²⁷ MACHLUP, Fritz. **The Stock Market, Credit, and Capital Formation**. London: William Hodge, 1940 [1931].

²⁸ HAYEK, F. A. *Prices and Production*. Reimpresso em: KLAUSINGER, Hansjoerg (Ed.). **The Collected Writings of F. A. Hayek**, vol. 7: Business Cycles, Part I. Chicago: University of Chicago Press, 2012 [1931].

²⁹ As atas da reunião do conselho do *Austrian Institute* no verão de 1931, na qual Oskar Morgenstern foi indicado como o sucessor de Hayek na direção, tornam claro que a posição de Hayek na LSE foi considerada como uma posição temporária por um ano, após o qual retornaria a Viena e retomaria suas obrigações como diretor do *Institute*. Na verdade, Hayek permaneceu na *London School of Economics* até 1948. E Morgenstern serviu como diretor do *Austrian Institute for Business Cycle Research* até março de 1938, quando se exilou na América durante um ciclo de palestras, na época da anexação da Áustria pela Alemanha Nazista. Os documentos do *Institute* também mostram que Hayek conduziu a organização de 1927 a 1931 de forma um tanto caótica de “ordem espontânea”, com pouca sistemática ou preocupação com papelada ou registros. A *Ordnung* organizacional veio somente com a nomeação de Morgenstern como diretor, depois de Hayek ter se mudado para Londres. Daquele ponto em diante, a “disciplina” reinou, como uma manutenção cuidadosa de toda a correspondência, pesquisas e demonstrações financeiras do *Institute*.

Devo mencionar uma estória que Oskar Morgenstern relatou a mim em meados dos anos 1970 – uma estória que nunca mais vi recontada em outra parte. Morgenstern disse que, uma manhã na primavera de

Na época em que Hayek chegou a Londres, *Prices and Production* começava a impactar na profissão econômica e nos debates sobre a teoria e política do ciclo de negócios. Também foi convidado a palestrar em muitas outras universidades ao longo da Grã-Bretanha e, em pouco tempo, foi aclamado como um pensador original e criativo, oferecendo percepções singulares sobre a teoria e a política monetária, o ciclo de negócios, e a crise econômica pela qual o mundo estava passando³⁰.

Mas a notoriedade internacional apenas tornou Hayek mais consciente do quanto devia a Ludwig von Mises em termos das diversas ideias pelas quais estava sendo tão amplamente elogiado. Em uma carta a Mises, escrita em novembro de 1931, Hayek expressou o débito que tinha para com seu mentor:

[Lionel] Robbins apresentou-me como uma autoridade eminente, então as pessoas sempre desejam ouvir minha opinião sobre todos os assuntos. Pela primeira vez, estou ciente

1931, depois que Hayek retornou da apresentação de suas palestras em Londres que vieram a se tornar o *Prices and Production*, foi até Hayek no elevador do edifício da Câmara de Comércio de Viena, onde o *Institute* tinha, então, seus escritórios (e onde Morgenstern estava empregado como assistente de Hayek). Morgenstern me disse que, enquanto subiam juntos no elevador, voltou-se para Hayek e disse: “Vamos entrar no escritório, verá sua correspondência, e encontrará uma carta convidando-o para ser professor na *London School*”. E ambos riram. No escritório, Hayek sentou-se à mesa e conferiu sua correspondência. Encontrou uma carta da *London School of Economics*, abriu-a e era um convite para o cargo na Cátedra Tooke de Ciência Econômica e Estatística. Sem dizer uma palavra, Hayek estendeu a carta a Morgenstern, e eles se entreolharam em um silêncio de dar calafrios. Devo ter parecido incrédulo após ter ouvido essa estória, pois Morgenstern me disse com seriedade mortal: “Aconteceu exatamente dessa maneira”.

³⁰ Ver a excelente discussão sobre este período da vida intelectual de Hayek elaborada por Hansjoerg Klausinger, em sua introdução ao sétimo volume das obras completas de Hayek (HAYEK, F. A. ; KLAUSINGER, Hansjoerg (Ed.). **The Collected Writings of F. A. Hayek**, Vol. 7: Business Cycles, Part I. Chicago: University of Chicago Press, 2012).

de que eu lhe devo praticamente tudo o que me coloca em vantagem em comparação com meus colegas aqui, e com respeito à maioria dos economistas mesmo fora do meu estreito campo de pesquisa (aqui, minha dívida para consigo é evidente). Em Viena, temos menos consciência disso [desta dívida intelectual para consigo] por ser a base comum inquestionável do nosso círculo. Se não decepciono muitas das expectativas das pessoas aqui na LSE, isso não é crédito meu, mas seu. Entretanto, [minha] vantagem [sobre os demais] desaparecerá quando seus livros forem traduzidos e se tornem de conhecimento geral.³¹

³¹ Citado em HULSMANN, Jorg Guido. **Mises, The Last Knight of Liberalism**. Auburn, AL: Ludwig von Mises Institute, 2007. p. 635. A influência de Mises sobre Lionel Robbins, que convidou e levou Hayek para a LSE, não foi menos importante nesse momento. No prefácio a seu *An Essay on the Nature and Significance of Economic Science*, Robbins reconheceu sua “dívida especial para com os trabalhos de Ludwig von Mises” (ROBBINS, Lionel. **An Essay on the Nature and Significance of Economic Science**. London: MacMillan, 1932. p. viii-ix). Isto ficou ainda mais claro na carta que Robbins anexou à cópia do livro que enviou a Mises em 20 de maio de 1932, logo após ter sido publicado: “Envio-lhe, com isto, uma cópia de minha modesta tentativa de popularizar, para os leitores anglófonos, as implicações metodológicas da ciência econômica moderna. Espero que não se incomode com minha menção especial de seu nome no prefácio. Não desejo torná-lo de forma alguma responsável pelas minhas rudezas na exposição, mas se houver qualquer coisa de valor no que eu disse, seria muito injusto que seu nome não estivesse associado a isso. Não é fácil para mim colocar em palavras adequadas a magnitude da minha dívida intelectual para com o seu trabalho”. Mises respondeu em 18 de junho de 1932, expressando seu agradecimento e total concordância com a contribuição de Robbins: “Somente hoje tive a oportunidade de agradecer pelo prazer de ter recebido seu livro. Li-o com grande interesse. Desnecessário dizer que estou completamente de acordo com seus argumentos. Lamento somente que não tenha expandido seu livro para incluir o tratamento de uma série de outros problemas importantes. Estou, entretanto, convencido de que seu último trabalho revelar-se-á muito bem-sucedido”. E, como Hayek apontou mais tarde, o próprio trabalho mais influente de “Robbins”, *The Nature and Significance of Economic Science*, tornou a abordagem metodológica estabelecida pela Escola Austríaca como o padrão geralmente reconhecido [na profissão econômica mais abrangente].

Com a ida de Hayek para a Grã-Bretanha, sua associação e interação frequente, senão diária, com Mises chegou ao fim. Sua correspondência claramente mostra que raramente passou-se muito tempo sem que se comunicassem um com o outro, compartilhando suas experiências, ideias e frustrações sobre as tendências políticas e econômicas durante os anos e as décadas antes do falecimento de Mises em 1973. Porém nunca mais viveram tão diretamente na companhia um do outro como naqueles anos em Viena na Áustria do entre-guerras, nem influenciaram a vida um do outro de maneira tão imediata.

II - MESTRE E O “PUZZLER”³²

Em 1975, Hayek publicou um artigo sobre “*Two Types of Minds*”³³. Contrastou dois tipos de pensadores. Primeiramente, o “mestre de seu assunto”, aquele que leu praticamente tudo o que existe em sua área e possui a habilidade de recordar, explicar e analisar criticamente toda a literatura, controvérsias e visões conflitantes dentro de sua disciplina. O segundo tipo de pensador foi rotulado por Hayek como “*puzzler*”, ou – como chegou a sugerir – o “criador de confusão”. Trata-se da pessoa que constantemente considera necessário repensar os argumentos que ouviu ou leu anteriormente, que nunca considera fácil formular sistematicamente as ideias dos outros, e que é mais propenso a apropriar-se de partes das ideias dos demais e incorporá-las de várias maneiras em seus próprios pensamentos, que em geral parecem não seguir temas totalmente coerentes e lógicos a partir de alguns primeiros princípios claros. O *puzzler* confunde completamente, às apalpadelas, em vez de raciocinar a partir de qualquer pensamento cuidadoso elaborado

³² N. do T.: Literalmente, o termo “*puzzler*” denota uma pessoa que confunde.

³³ HAYEK. Interview with Dr. Friedrich A. von Hayek. p. 50-56.

a partir de premissas ou “primeiros princípios”.

Hayek sugeriu que exemplos desses dois tipos de mentes, entre os economistas austríacos, foram Eugen von Böhm-Bawerk, um verdadeiro “mestre” de seu assunto, que conseguia rerepresentar todos os seus argumentos e os dos seus oponentes em economia com enorme clareza lógica; e Friedrich von Wieser, que representava claramente mais o tipo “puzzler” em sua forma de pensar, e que escrevia através de um labirinto de ideias que geralmente pareciam carecer de qualquer coerência fundamentada ou de relações para com as ideias de outros (exceto de Menger, de quem Wieser obtivera, conforme sugeriu Hayek, sua primeira inspiração)³⁴.

³⁴ Em uma conversa em 1977, Hayek disse-me que, quando escreveu este artigo, a verdadeira comparação que tinha em mente era entre ele próprio e Lionel Robbins. De acordo com Hayek, Robbins era o epítome do “mestre” de seu assunto, que aparentava ter lido tudo sobre economia, que podia reformular e explicar cada teoria, e expressar facilmente as ideias de outros em suas próprias palavras, quase textualmente. Hayek via a si mesmo como o “puzzler”, que precisava reformular suas ideias sempre que surgia um problema, e que nunca tinha certeza acerca de como as coisas poderiam estar interligadas senão muito tempo depois, quando um relance mental para trás o fizesse ver as conexões e as relações entre suas próprias ideias, que não tinha visto quando pensou nelas da primeira vez. Este aspecto “puzzler” do processo de pensamento de Hayek estava implícito no prefácio à obra *Economics as a Coordination Problem: The Contributions of Friedrich A. Hayek*, de Gerald O’Driscoll, no qual Hayek disse: “É um fato curioso que um estudante dos fenômenos complexos possa, durante muito tempo, permanecer inconsciente a respeito de como seus pontos de vista sobre diferentes problemas estão interligados e talvez nunca tenha tido sucesso em apresentar claramente as ideias norteadoras que o conduziram ao tratamento dos particulares. Devo confessar que eu mesmo fiquei ocasionalmente surpreso quando encontrei lado a lado, na apresentação do professor O’Driscoll, afirmações que fiz no intervalo de muitos anos e sobre problemas totalmente diferentes, ainda que implicassem a mesma abordagem geral” (O’DRISCOLL, Gerald P. **Economics as a Coordination Problem: The Contributions of Friedrich A. Hayek**. Kansas City: Sheed Andrews and McMeel, 1977. p. ix).

Gostaria de sugerir que a única maneira de abordar a relação entre as ideias de Mises e Hayek sobre vários temas em economia é através do contraste entre o “mestre” e o “puzzler”. Ludwig von Mises, nesta comparação, certamente era o “mestre”. Quando Hayek, aos 22 anos, encontrou Mises, que já tinha 40 anos, pela primeira vez, Mises estava no processo de formular um sistema inteiramente lógico do pensamento econômico a partir de um conjunto de princípios centrais. Hayek, por outro lado, estava tateando na direção de sua concepção geral dos processos monetário e de mercado.

Ao contrário de Atena, que emergiu da testa de Zeus totalmente crescida e pronta para o combate, em trajes de guerra, a teoria da ação humana de Mises, ou *praxeologia* como mais tarde viria a chamá-la, não tomou forma em sua mente de uma só vez. Formou-se ao longo de mais de vinte anos, desde antes da época em que *The Theory of Money and Credit* apareceu em 1912 até o início dos anos 1930, quando publicou uma coleção de ensaios metodológicos³⁵. Por volta desta época, Mises formulou uma concepção “axiomático-dedutiva” da escolha e da ação humana; construiu uma teoria das ordens sociais e econômicas concebíveis na forma de um contraste entre as alternativas do capitalismo, socialismo e intervencionismo; e desenvolveu uma teoria da moeda, da ordem monetária e do ciclo de negócios. Na verdade, o “sistema” de Mises não se apresentou como um todo integrado até 1940, quando publicou *Nationalökonomie: Theorie des Handelns und Wirtschaftens*³⁶ em Genebra durante a Segunda Guerra Mundial, e foi reformulado quase uma década mais tarde na sua versão em língua inglesa de *Human Action: A Treatise on Economics*³⁷. De qualquer for-

³⁵ MISES, Ludwig von. **Epistemological Problems of Economics**. New York: New York University Press, 1981 [1933].

³⁶ MISES, Ludwig von. **Nationalökonomie: Theorie des Handelns und Wirtschaftens**. Genebra: Editions Union, 1940.

³⁷ MISES, Ludwig von. **Human Action: A Treatise on Economics**. Chicago: Henry Regnary, 1966 [1949].

ma, em conjunto, os escritos de Mises desde o início deste período de vinte anos oferecem uma visão sistemática do homem, da sociedade, e da ordem social e econômica³⁸.

Hayek nunca escreveu um tratado sistemático em economia, no qual integrou e formulou sua concepção geral da escolha humana, da ordem social e do sistema econômico. Os dois tratados que escreveu mais tarde em sua vida, *The Constitution of Liberty*³⁹ e o *Law, Legislation, and Liberty*⁴⁰ em três volumes, lidam principalmente com as ordens social, jurídica e política de uma sociedade livre. Todas as suas ideias a respeito da natureza e funcionamento do sistema econômico e da ordem de mercado estão claramente inseridas e informam centralmente o conteúdo e a orientação desses trabalhos. De fato, seus escritos econômicos durante os anos 1920, 1930 e 1940 são as fundações essenciais para seu profundo trabalho posterior sobre a filosofia social e política. Mas Hayek, o economista, nunca proporcionou sua versão do *Human Action* de Mises.

Na verdade, o que se encontra nos escritos econômicos de Hayek desde o período entre-guerras e após é que foi, com frequência, “inspirado” por algum assunto desenvolvido anteriormente por Mises, e então, conforme expressou, procedeu à reformulação do pro-

blema e à sua construção analítica à sua própria maneira de “puzzler”, em resposta à teoria econômica e às controvérsias políticas de sua própria época.

III - A NATUREZA DA ORDEM ECONÔMICA E DA COORDENAÇÃO DE MERCADO

No início de fevereiro de 1933, Hayek enviou a Mises um rascunho de seu artigo, “*The Trend of Economic Thinking*”, que apresentou como aula inaugural na *London School of Economics* no início de março. Uma semana após receber o rascunho da aula, Mises enviou a Hayek seus comentários, nos quais disse:

Há uma divergência substancial dos nossos pontos de vista no que o Sr. discute a questão do *laissez-faire* à maneira tradicional, em vez de a partir da perspectiva das diversas possibilidades organizacionais da colaboração societal (i.e., propriedade individual, propriedade comunal, etc.), uma distinção que faço em meu próprio trabalho. Em minha visão, o assunto não é essencialmente sobre a escolha entre o *laissez-faire* ou um estado onipotente, mas em vez disso sobre qual, dentre um número limitado de tipos de organizações concebíveis, é a mais adequada, ou a única organização apropriada para possibilitar a cooperação humana na economia⁴¹.

O que Mises parecia contestar na aula de Hayek era a ausência de um princípio ordenador particular no contexto do que Mises acreditava serem as questões concernentes aos sistemas econômicos que precisavam ser investigados. Em sua aula inaugural na LSE, Hayek enfatizou a direção equivocada que a Escola Histórica Alemã dera ao raciocínio econômico, ao rejeitar a “teoria” em favor de um estudo estreito dos “fatos” da história; também concentrou-se no fracasso dos economistas posteriores, que foram influenciados por esses Historicistas Alemães,

³⁸ Ver HAYEK & KLEIN (Ed.). *The Collected Writings of F. A. Hayek, Vol. 4*. p. 128: “Durante aqueles anos, a década de 1920 e o início dos anos 1930, Mises foi extraordinariamente fértil e, em uma longa série de monografias sobre problemas econômicos, sociológicos e filosóficos, elaborou a abrangente filosofia da sociedade que expôs pela primeira vez na obra em alemão [*Nationalökonomie*] e que depois resumiu em sua *magnum opus* pela qual é principalmente conhecido pelos seus leitores americanos, *Human Action*”.

³⁹ HAYEK, F. A. *The Constitution of Liberty*. Chicago: University of Chicago Press, 1960.

⁴⁰ HAYEK, F. A. *Law, Legislation, and Liberty vol. 1: Rules and Order*. Chicago: University of Chicago Press, 1973; HAYEK, F. A. *Law, Legislation, and Liberty vol. 2: The Mirage of Social Justice*. Chicago: University of Chicago Press, 1976; HAYEK, F. A. *Law, Legislation, and Liberty vol. 3: The Political Order of a Free People*. Chicago: University of Chicago Press, 1979.

⁴¹ MISES. *Epistemological Problems of Economics*.

e que jamais conseguiram apreciar totalmente as “instituições espontâneas” que geram uma ordem para os processos econômicos e sociais, cujo reconhecimento demarca o assunto distintivo da ciência econômica.

Hayek sugeriu que os socialistas estavam lentamente percebendo que muitas das características que mais objetavam na economia de mercado – tal como os juros na relação poupança-investimento – teriam que ser incorporados a uma economia planejada para que ocorresse uma utilização racional dos recursos. “O melhor que um ditador poderia fazer, em uma situação assim, seria imitar, da maneira mais fiel possível, o que aconteceria sob a livre concorrência”, disse Hayek. O maior obstáculo que impede o “planejador sábio” de fazer isso, na perspectiva de Hayek, seria a pressão de grupos de interesse particulares, que fariam *lobbies* para a manutenção do *status quo* do qual dependem suas atuais posições de renda.

Também defendeu que o reconhecimento da ordem espontânea do mercado não implicava em uma “atitude puramente negativa” com respeito ao papel do Estado nos assuntos econômicos. De fato, Hayek esperava que a postura geralmente crítica contra a intervenção governamental por parte dos economistas, devido às prescrições de políticas em geral ingênuas e desinformadas da “mente leiga”, não “evitaria que os economistas dedicassem mais atenção à tarefa positiva de delimitar o campo de atividade estatal útil” [...] “Remediar esta deficiência deve ser uma das principais tarefas para o futuro”⁴².

Para Mises, a contribuição mais importante à teoria econômica em sua época foi a descoberta da impossibilidade lógica do cálculo econômico racional sob um sistema de planejamento central socialista compreensi-

vo⁴³. A natureza e as exigências para o cálculo econômico eram as pedras angulares para avaliar e julgar a exequibilidade política de sistemas econômicos alternativos.

Tanto em seu ensaio de 1920 sobre o cálculo econômico quanto em seu livro de 1922 sobre o socialismo, Mises enfatizou que não haveria problema para resolver problemas de alocação de recursos sob o planejamento socialista se, no dia anterior à revolução socialista, os mercados estivessem em equilíbrio, e se nada mudasse na sociedade após a introdução do planejamento central. Mas nenhuma dessas condições pode ser suposta como verdadeira. A mudança seria inescapável e inevitável no mundo real e decisões teriam que ser tomadas mais uma vez e o tempo todo no que diz respeito a como organizar melhor as atividades produtivas na sociedade socialista de amanhã⁴⁴. Assim, o planejador central não poderia simplesmente herdar a economia capitalista do dia anterior, e continuar com as coisas tal como estavam sob o capitalismo.

A ênfase posterior de Hayek sobre a divisão do conhecimento na sociedade e o papel informacional dos preços na economia já tinham sementes na análise de Mises. Na visão de Mises, “Em sociedades baseadas na divisão do trabalho, a distribuição dos direitos de propriedade afeta um tipo de divisão mental do trabalho, sem a qual nem a economia nem a produção sistemática seriam possíveis”⁴⁵.

Esta é a objeção decisiva que a economia levanta contra a possibilidade de uma so-

⁴² HAYEK, F. A. *The Trend of Economic Thinking: Essays on Political Economists and Economic History*. BARTLEY, W. W. & KRESGE, Stephen (Eds.). *The Collected Works of F. A. Hayek*, vol. 3. Chicago: University of Chicago Press, 1991 [1933]. p. 26; 29-31.

⁴³ Ver: MISES. *Epistemological Problems of Economics*. p. 157: “Na medida em que os preços monetários dos meios de produção podem ser determinados somente em uma ordem social na qual são de propriedade privada, a demonstração da impraticabilidade do socialismo segue-se necessariamente. Do ponto de vista tanto da política quanto da história, esta demonstração é certamente a descoberta mais importante feita pela teoria econômica [...] Por si só, permitirá aos futuros historiadores entenderem como ocorreu que a vitória do movimento socialista não levou à criação da ordem socialista da sociedade”.

⁴⁴ MISES. *Socialism*. p. 105.

⁴⁵ Idem. *Ibidem.*, p. 101.

cidade socialista. Deve renunciar à divisão intelectual do trabalho que consiste na cooperação de todos os empreendedores, proprietários de terras, e trabalhadores como produtores e consumidores na formação dos preços de mercado. Mas, sem ela, a racionalidade, i.e., a possibilidade de cálculo econômico, é impensável⁴⁶.

Assim, questões que dizem respeito ao papel e alcance do controle, planejamento ou regulação das atividades econômicas eram inseparáveis de se um sistema de preços funcionando e baseado em competição estava ou não em operação e se permitia ou não determinar os usos melhores e mais eficientes dos meios de produção para servir aos fins dos consumidores, tal como orientado por aqueles que utilizam seu próprio capital e recursos na divisão de trabalho da maneira que consideram mais lucrativa. Sem um tal sistema de preços, todos os participantes dessa “divisão intelectual do trabalho” não poderiam, enquanto consumidores, informar aos produtores quais são os bens que desejam e o valor relativo que atribuem a eles, e não poderiam, enquanto empreendedores e proprietários dos fatores, decidir quais linhas de produção seriam as mais consistentes com essas preferências dos consumidores, dados os custos de oportunidade da utilização dos recursos de outras maneiras, conforme as vissem.

Esta ideia une a maior parte dos argumentos de Mises sobre a natureza da ordem do mercado. Se a ausência de um sistema de preços em funcionamento sob planejamento central abrangente elimina toda a racionalidade econômica (em termos de usos eficientes e efetivos dos meios na concretização dos fins no sistema social de divisão do trabalho), então as intervenções do governo através seja de controles de preços, seja por meio de regulações da produção, representam “areia na máquina” que impede que os preços possam transmitir a informação sem a qual a coordenação

do mercado através do cálculo econômico é reduzida ou impossibilitada, e impede que os empreendedores utilizem seus melhores julgamentos quanto à maneira de organizar a utilização dos recursos que satisfaz às demandas dos consumidores com base em quais preços são interpretados como aqueles que lhes dizem isso.

Portanto, a ideia de que poderia-se “escolher” o que se desejasse serem as “funções” do governo em termos de propriedade do governo, ou regulação, controle, ou redistribuição, era inconsistente com uma apreciação de que a questão fundamental no que concerne ao papel do governo na sociedade diz respeito à extensão na qual a intervenção ou o planejamento do governo interfere com a existência e o funcionamento efetivo dessas instituições – propriedade privada, trocas competitivas e preços baseados no mercado – sem as quais um sistema cooperativo de divisão de trabalho não poderia resolver corretamente o “problema econômico”.

Alguns anos mais tarde, quando Hayek editou a coleção de ensaios sobre *Collectivist Economic Planning*⁴⁷ (planejamento econômico coletivista), seus pontos de vista a respeito do papel central do sistema de preços e seu papel crucial para o ordenamento das atividades produtivas da sociedade eram expressos de maneiras muito mais próximas da visão das coisas de Mises. Contudo, como inúmeros comentadores sugerem, a verdadeira virada na concepção de Hayek a respeito do funcionamento da ordem do mercado emergiu do desafio dos “socialistas de mercado” e das “soluções matemáticas” sugeridas para o problema econômico. Já em suas próprias contribuições para o *Collectivist Economic Planning*, Hayek apontou a suposição implícita (e irrealista) de que a totalidade dos “dados” técnicos e relacionados, detalhados e dispersos, era de algum modo conhecida ou poderia ser disponibilizada

⁴⁶ MISES, Ludwig von. **Liberalism: The Classical Tradition**. Indianapolis: Liberty Fund, 2005 [1927]. p. 50.

⁴⁷ HAYEK, F. A. (Ed.). **Collectivist Economic Planning: Critical Studies on the Possibilities of Socialism**. London: George Routledge, 1935.

aos planejadores, sem o que não poderiam efetivamente saber como utilizar melhor os meios coletivos “da sociedade” para servir aos seus fins coletivos⁴⁸.

Foi lutar com essas questões o que claramente levou Hayek aos questionamentos e às respostas que tentou enfrentar em “*Economics and Knowledge*”⁴⁹, “*Economic Calculation: The Competitive ‘Solution’*”⁵⁰, “*The Use of Knowledge in Society*”⁵¹ e “*The Meaning of Competition*”⁵². Lendo essas obras na sequência, pode-se contemplar a evolução do pensamento de Hayek sobre o que via como sendo as fraquezas fundamentais da estrutura neoclássica emergente que, baseada no modelo da concorrência perfeita, eliminava todos os problemas de coordenação econômica no mundo real em mudança constante e com conhecimento imperfeito e descentralizado.

Isto também, ao que parece, o fez refletir sobre como suas próprias ideias emergentes sobre esses temas relacionavam-se com as de Ludwig von Mises, cujos escritos eram um ponto de partida central para seu próprio processo de descoberta intelectual. Mais especificamente, Hayek começou a perguntar-se se o ponto de partida metodológico de Mises seria suficiente para explicar por completo o processo competitivo através do qual a coordenação da multidão de planos indi-

viduais interdependentes poderia ser realizada totalmente e com sucesso.

Hayek aceitou o argumento de Mises (e de Wieser) de que as ciências sociais constróem seu entendimento do mundo humano a partir de um tipo de conhecimento diferente do das ciências naturais. Para entender a “ação humana”, seria necessário recorrer a uma fonte particular de conhecimento: a introspecção reflexiva sobre o funcionamento lógico da mente humana. A “ação”, afinal de contas, pode ser entendida como nada mais do que a “razão” aplicada ao propósito. E, se isto ocorre assim, então, para compreender a “lógica” nas ações dos homens, é necessário olhar para aquela mente da qual qualquer um de nós possui o conhecimento mais próximo – o funcionamento de nossa própria mente⁵³.

Entender as relações lógicas que podem ser “descobertas” ao pensarmos sobre nossas próprias ações relativas aos significados e relações entre “fins” e “meios”, ou “custos” e “benefícios”, ou “*trade-offs*” e tomadas de de-

⁴⁸ HAYEK. *The Trend of Economic Thinking*. p. 93-97.

⁴⁹ HAYEK, F. A. *Economics and Knowledge*. Reimpresso em: **Individualism and Economic Order**. Chicago: University of Chicago Press, 1948 [1937]. p. 33-56.

⁵⁰ HAYEK, F. A. *Socialist Calculation: The Competitive ‘Solution’*. Reimpresso em: **Individualism and Economic Order**. Chicago: University of Chicago Press, 1948 [1940]. p. 181-208.

⁵¹ HAYEK, F. A. *The Use of Knowledge in Society*. Reimpresso em: **Individualism and Economic Order**. Chicago: University of Chicago Press, 1948 [1945]. p. 77-91.

⁵² HAYEK, F. A. *The Meaning of Competition*. Reimpresso em: **Individualism and Economic Order**. Chicago: University of Chicago Press, 1948 [1946]. p. 92-106.

⁵³ Ver: MISES. **Epistemological Problems of Economics**. p. 12-35. Ver, também: WIESER, Friedrich von. **Social Economics**. New York: Adelphi, 1927 [1914]. p. 8-9:

O economista teórico nunca precisa lamentar a falta dos instrumentos que são empregados nas ciências naturais exatas. Quaisquer que sejam as vantagens que poderiam de outra forma aproveitar e tão grandes quanto o sejam suas conquistas, são, sem embargo, estranhos a seu objeto. Podem nunca varrer as reentrâncias mais íntimas da natureza. Permita que seus instrumentos sejam infinitamente refinados, ainda devem contentar-se em descrever uma sucessão de acontecimentos, abandonando a esperança de mosrar como o efeito brota da causa. O grupo das ciências práticas, das quais a economia é uma delas, realiza mais. O objeto da investigação é o homem em uma condição de atividade. Portanto, nossa mente ratifica toda descrição precisa dos processos de sua consciência, através da declaração afirmativa de que esse é o caso, e através do sentimento irresistível de que deve necessariamente ser assim [...] Nesses casos, nós, cada um de nós, ouve a lei pronunciada por uma inequívoca voz interna [...] Onde as ciências naturais podem meramente oferecer demonstrações, a teoria da economia pode persuadir, pode recrutar o consentimento interno não qualificado do leitor.

cisões “marginais”, possibilita-nos compreender completamente como a lógica econômica formal das mentes individuais gera “coordenação” entre as várias ações sendo realizadas, respectivamente, por esses indivíduos. Mas o que isto nos diz sobre como ou por meio de quais mecanismos as ações planejadas das multidões de indivíduos coordenam-se umas com as outras?

Um indivíduo pode certamente tentar trazer suas próprias ações para um “equilíbrio” consistente, dadas as circunstâncias nas quais se encontra e os “dados” dessas circunstâncias, tal como os conhece e entende. Mas, se tomamos como certo que os atores não têm um “conhecimento perfeito” ou “previsão perfeita” de todas as circunstâncias que poderiam afetar os resultados de suas próprias ações – inclusive as ações planejadas dos demais, com os quais são interdependentes de várias formas diretas e indiretas na divisão do trabalho – então, por si mesmo, nosso entendimento da lógica formal que orienta as próprias ações de cada indivíduo não nos diz como suas interações potencialmente inconsistentes poderiam ser ou são levadas a um equilíbrio coordenado entre si⁵⁴.

Em anos posteriores, Hayek afirmou que esta maneira de expressar o “problema econômico” como um “problema de coordenação” do conhecimento, em seu artigo sobre *“Economics and Knowledge”*, foi concebida como uma crítica “branda” de Ludwig von Mises, que, acreditava Hayek, afirmara que a totalidade da lógica a respeito de como os processos de mercado produzem coordenação em toda a economia poderia ser deduzida *“a priori”*, a partir do conhecimento introspectivo da “lógica da escolha” formal do indivíduo⁵⁵.

Hayek estava convencido de que um elemento “empírico” deveria ser introduzido na análise econômica, com relação a como os indivíduos aprendem que seus planos podem ser inconsistentes com os planos de outros, e como descobrem em que direções teriam que

adaptar suas ações de modo a movê-las para um padrão mais coordenado com as ações planejadas desses outros.

Teríamos imaginado que isto teria levado Hayek a propor uma teoria particular da formação de expectativas para explicar como os indivíduos chegavam a ter opiniões sobre a relação entre suas próprias ações e as ações dos outros, e como a experiência de decepções resultava em “revisões” dessas expectativas interdependentes para uma direção mais coordenada. Em outras palavras, esperaríamos que Hayek sugerisse uma teoria empiricamente fundamentada do “aprendizado” em um cenário de mercado complexo.

Em vez disso, seguiu por um caminho diferente, que consistia em mostrar como os indivíduos não precisavam ter nenhum conhecimento detalhado das ações e planos dos demais na ordem complexa do mercado. O “problema” tinha sua solução na percepção de que os preços que Mises tinha enfatizado como sendo tão cruciais para propósitos de cálculo econômico também são os meios para economizar no conhecimento vasto e específico sobre as intenções dos demais nos lados tanto da demanda quanto da oferta no mercado.

Cada participante do mercado, em seu próprio canto da sociedade, precisa meramente seguir e responder de forma apropriada às mudanças registradas de preços que observou e que foram relevantes para sua própria tomada de decisões. Ao mesmo tempo, cada indivíduo poderia então adaptar-se ao que esses preços relevantes lhe dissessem a respeito das ações possíveis dos demais, utilizando o conhecimento particular que possuísse sobre suas próprias circunstâncias e suas possibilidades, que os outros não poderiam saber ou apreciar da maneira que ele mesmo poderia. Era assim que a “sociedade” poderia aproveitar todos os tipos e porções de conhecimento disperso que existem somente nas mentes das multidões de indivíduos, sem qualquer direção ou controle centralizado⁵⁶.

⁵⁴ HAYEK. *Economics and Knowledge*. p. 36.

⁵⁵ CALDWELL. *Hayek's Challenge*. p. 220-223.

⁵⁶ HAYEK. *The Use of Knowledge in Society*.

Assim, por meio de uma cadeia de raciocínio e de ênfase ligeiramente diferente, Hayek chegou a uma conclusão paralela e complementar ao argumento anterior de Mises. Os preços são o mecanismo institucional essencial por meio do qual pode ser feita uma utilização racional dos meios de produção relativos às demandas por bens e serviços diversos e concorrentes na sociedade. Mas, para Hayek, os atos de “cálculo” que esses preços possibilitaram deviam-se ao fato de que as informações mínimas relevantes sobre as ações dos outros, que os indivíduos precisavam conhecer, estão encapsuladas nesses termos de troca gerados no mercado.

Mises considerou o desenvolvimento de Hayek a respeito de como o conhecimento é utilizado na sociedade através do sistema de preços como sendo uma “valiosa contribuição de Hayek ao conhecimento”. Mises prosseguiu dizendo,

O fato de que o conhecimento existe de forma dispersa, incompleta e inconsistente, em muitas mentes individuais, foi apontado por Hayek e isto é muito importante. Hayek diz que, se estamos falando sobre o conhecimento de nossa era, estamos cometendo um erro se pensamos que este conhecimento existe em todas as mentes, ou mesmo que a sua totalidade existe na mente de um homem. Ele observou, por exemplo, no caso da sociedade socialista, que o progresso possível é limitado pela mente de um homem. É importante para a economia capitalista que todos aqueles que têm um conhecimento melhor sobre algum problema específico, possam tentar obter lucros desta superioridade e de suas tentativas de contribuir para o aprimoramento das condições gerais. Na economia socialista, o conhecimento tem valor somente na medida em que está disponível para a autoridade central, para os ditadores que estão elaborando o plano central. Sob o capitalismo, a coordenação das várias porções de conhecimento é produzida através do mercado. Em uma sociedade socialista, ela deve ser efetuada seja na mente do di-

tador, seja nas mentes dos membros do comitê do ditador⁵⁷.

IV - INTROSPECÇÃO, ENTENDIMENTO E SUBJETIVISMO METODOLÓGICO

Uma das características da abordagem “austríaca” para a análise econômica e social tem sido o subjetivismo metodológico, a ideia de que se queremos entender e interpretar as ações dos indivíduos no mundo, o ponto de partida deve estar nos significados que os atores conferem a suas próprias ações, às ações dos demais, e aos objetos no mundo.

Enquanto esta abordagem “subjetivista” estava claramente presente nos trabalhos da Escola Austríaca mais “antiga”, a forma que assumiu nos escritos dos austríacos posteriores, inclusive Ludwig von Mises e F. A. Hayek, certamente deriva de Max Weber (1864-1920) em seu *Economy and Society*⁵⁸. Weber define a “ação” como comportamento ao qual o ator atribui um significado pessoal ou “subjetivo”, com o “significado” definindo o propósito ou objetivo da ação. “Ação social” é aquela conduta humana da qual um indivíduo é consciente e orienta alguns aspectos de suas atividades à presença de um outro agente humano. Uma tal ação social pode ser ou unidirecional, ou mútua⁵⁹.

⁵⁷ GREAVES, Bettina Bien. 1958. **Stenographic notes of Ludwig von Mises New York University Seminar**. 20 mar. 1958. Não publicado.

⁵⁸ WEBER, Max. **Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology**. Berkeley: University of California Press, 1978 [1920].

⁵⁹ WEBER, Max. **The Theory of Social and Economic Organization**. New York: Oxford University Press, 1947 [1922]. p. 88. Em sua resenha do *Human Action* de Mises, Ludwig Lachmann fez questão de enfatizar que “Ao ler este livro, nunca devemos esquecer que é o trabalho de Max Weber que está sendo continuado aqui” (LACHMANN, Ludwig M. **Capital, Expectations, and the Market Process: Essays on the Theory of the Market Process**. Kansas City: Sheed, Andrews and McMeel, 1977. p. 95).

O mesmo vale para os objetos. Independente de suas características físicas específicas, o que faz de um objeto afiado a “arma” de um guerreiro e de outro o “bisturi” de um cirurgião é o propósito para o qual o objeto pode ter sido desenhado e o objetivo com o qual é utilizado. Nem o arqueólogo, nem o sociólogo, nem o historiador, nem o economista saberiam como “entender” as ações dos seres humanos ou as “coisas” que os homens utilizam para vários propósitos sem fazer uma tentativa de apreciar esses significados “subjetivos” que proporcionam a inteligibilidade que pode ser encontrada nos “movimentos” humanos e nos “objetos” sociais.

Hayek dedicou uma parte de seu trabalho acadêmico, nos anos 1940, a analisar e explicar o significado e a importância do “subjetivismo” em resposta à ascensão e influência do positivismo e behaviorismo, e porque considerava a utilização equivocada dos métodos das ciências naturais nas ciências sociais não somente como uma ciência defeituosa – o que chamava de “cientismo” – mas potencialmente perigosa quando aplicada a questões de política social⁶⁰.

Em *The Counter-Revolution of Science*, Hayek enfatizou a posição singular de Mises na aplicação consistente de uma abordagem subjetivista na economia:

Provavelmente, não é um exagero dizer que todo avanço importante na teoria econômi-

ca durante os últimos cem anos foi um passo adiante na aplicação consistente do subjetivismo ... Este é um desenvolvimento que foi provavelmente realizado de forma mais consistente por Ludwig von Mises, e acredito que a maior parte das peculiaridades de seus pontos de vista, que de início atingem muitos leitores como traços estranhos e inaceitáveis, seguem-se do fato de que, no desenvolvimento consistente da abordagem subjetivista, durante muito tempo avançou à frente de seus contemporâneos. Provavelmente, todos os traços característicos de suas teorias – desde a sua teoria da moeda (muito à frente de seu tempo em 1912) ao que chama de seu *a priorismo* ... todos decorrem diretamente (embora, talvez, não todos com a mesma necessidade) desta posição central⁶¹.

Entretanto, falar de uma tal abordagem subjetivista para analisar e entender os fenômenos sociais e econômicos já implica um elemento “empírico” na análise. É estranho, portanto, que Hayek fracassasse em perceber isto nos próprios escritos de Mises. Já em seus escritos no final dos anos 1920 e início dos anos 1930 sobre os métodos das ciências sociais, Mises demarcou entre o caráter “formal” e abstrato dos teoremas universais e “*a priori*” da economia, e aqueles elementos que poderiam somente ser conhecidos a partir da “experiência” ou da informação “empírica”.

O que significa para os homens perseguir fins e aplicar meios, ponderar “custos” e “benefícios”, fazer *trade-offs*, e avaliar alternativas seja categoricamente, seja “na margem”, tudo isso pode derivar de, e pode somente ser conhecido através da introspecção reflexiva sobre os funcionamentos lógicos de nossa própria mente. Mas o que é que os homens desejam, quais são as coisas ou atividades que consideram como meios para atingir aqueles fins desejados, o que consideram ser o “custo” ou o “benefício” de uma escolha, o que podem ver como um “bem de consumo” ou “bem de produção”, e o que e o quanto

⁶⁰ HAYEK, F. A. *The Counter-Revolution of Science: Studies on the Abuse of Reason*. Indianapolis: Liberty Fund, 1980 [1952]. Um elemento faltante peculiar nas discussões de Hayek sobre a abordagem subjetivista na análise econômica e social é a aparente total ausência de quaisquer referências explícitas ao fato de que uma das principais influências no desenvolvimento do subjetivismo metodológico foi Max Weber. Isto é peculiar, dado que Mises, especialmente, enfatizou a importância de Weber nesta área para as ciências sociais, e chegou a publicar, em 1929, um longo ensaio a respeito de Weber na forma de uma “eminente crítica” das ideias de Weber sobre a teoria econômica (MISES. *Epistemological Problems of Economics*. p. 68-129). A teoria weberiana do “significado subjetivo” e dos “tipos ideais” também foi um tópico de discussão frequente no seminário privado de Mises, do qual Hayek, obviamente, era um participante regular.

⁶¹ HAYEK. *The Counter-Revolution of Science*. p. 94.

podem estar dispostos a trocar de uma coisa para obter outra – essas coisas podem ser conhecidas somente através dos fatos “empíricos” das circunstâncias e situações específicas nas quais os homens se encontram. O economista e o analista social não podem conhecer tais coisas “*a priori*”. Em vez disso, é a lógica da ação humana e da escolha que fornece o esquema analítico no contexto do qual os dados “empíricos” podem ser organizados e ordenados para proporcionar aquela intelegibilidade interpretativa a toda e qualquer conduta humana consciente⁶².

Mas qual é o método “empírico” para entender como os homens coordenam suas ações uns para com os outros em direção à compatibilidade mútua na busca de seus planos no mercado? Deve ser dito que, quando Hayek escreveu “*Economics and Knowledge*”, é verdade que Mises não tinha articulado isto com os detalhes que poderiam ter tornado desnecessária a crítica “branda” de Hayek daquilo que considerou como sendo os limites da lógica da escolha “*a priori*” de Mises.

Foi talvez em resposta à crítica de Hayek que Mises foi estimulado a formular mais explicitamente a sua teoria das “expectativas” ou “aprendizado” em seu tratado de 1940, *Nationalökonomie*, rerepresentada em *Human Action*⁶³ e refinada em *Theory and History*⁶⁴ e em *The Ultimate Foundation of Economic Science*⁶⁵. Aqui, também, o ponto de partida de Mi-

ses foi Max Weber. Weber argumentara que uma ferramenta central do historiador era o método do “tipo ideal”, uma construção teórica de traços ou características essenciais discernidas para propósitos interpretativos no estudo das ações dos indivíduos, grupos ou instituições nas quais os homens agem e interagem. O que significa dizer que alguém tem um “complexo de Napoleão”, ou que as ações de um indivíduo eram “típicas” de um “ditador militar sul-americano”, ou que um grupo de indivíduos estava agindo de modo “típico” de “fanáticos religiosos”? Ou que as ações das pessoas e as atividades realizadas eram “típicas” de uma “cidade industrial em desenvolvimento”, ou que os procedimentos para eleger pessoas para um cargo político eram “típicos” do “espírito democrático”? Assim, certa vez, Weber escreveu uma monografia em “*The City*”, desejando explicar historicamente as características que poderiam ser adquiridas na evolução real das vilas para cidades, para ressaltar aquelas qualidades que poderiam ser conceitualizadas como “típicas” no desenvolvimento e natureza das “cidades” na Europa.

Na refinada análise de Mises, argumenta-se que a ferramenta weberiana do “entendimento” interpretativo – o “tipo ideal” – não é somente um esquema mental para analisar aspectos do passado, mas o processo mental por meio do qual as pessoas antecipam e co-

⁶² MISES. *Epistemological Problems of Economics*. p. 25-31.

⁶³ MISES. *Human Action*.

⁶⁴ MISES, Ludwig von. *Theory and History: An Interpretation of Social and Economic Evolution*. New Haven: Yale University Press, 1957.

⁶⁵ MISES, Ludwig von. *The Ultimate Foundations of Economic Science: An Essay on Method*. Princeton: D. Van Nostrand, 1962. Outro ímpeto que levou Mises a articular mais claramente a sua teoria de como os homens utilizam o “entendimento” interpretativo dos “fatos” das sessões do mercado nas quais se encontram para formar expectativas e para adaptar-se a resultados e eventos inesperados foi muito provavelmente o aparecimento de *The Phenomenology of the Social World*, de Alfred Schutz (SCHUTZ, Alfred.

The Phenomenology of the Social World. Evanston: Northwestern University Press, 1967 [1932]). Schutz aplicou o conceito de “tipo ideal” de Max Weber para desenvolver uma teoria a respeito de como os homens interpretam e antecipam as ações de outros quando olham para o futuro. Schutz, assim como Hayek, era um membro ativo do *Privatseminar* de Mises em Viena, e permaneceu como um dos amigos mais próximos de Mises depois que ambos migraram para os Estados Unidos. Sobre a relação entre Schutz e os economistas austríacos, ver: EBELING, Richard. *Human Action, Ideal Types, and the Market Process: Alfred Schutz and the Austrian Economists*. Reimpresso em: EBELING, Richard. *Political Economy, Public Policy, and Monetary Economics: Ludwig von Mises and the Austrian Tradition*. London & New York: Routledge, 2010 [1999]. p. 332-347.

ordenam suas ações com as dos outros que estão olhando para o futuro.

Ao interagir com outros seres humanos, acumulamos conhecimento sobre os outros e “a partir do que conhecemos sobre o comportamento passado do homem, construímos um esquema sobre o que chamamos de seu caráter”, disse Mises⁶⁶. A fonte para construir tais “imagens” compostas, ou “retratos” das qualidades e características dos outros, obviamente, não pode ser conhecida “*a priori*”. Podem derivar somente da “experiência”. Este conhecimento, afirmou Mises, é “adquirido seja diretamente, da observação de nossos semelhantes e das transações de negócios com eles, seja indiretamente, a partir da leitura ou dos rumores, assim como de nossa experiência particular adquirida em contatos prévios com os indivíduos em questão”. E, com este conhecimento, “tentamos formar uma opinião sobre a sua conduta futura”⁶⁷.

Atores no mercado utilizam essa experiência “empírica” para formar “tipos ideais” que servem como a estrutura antecipatória no contexto da qual as pessoas formam expectativas sobre as ações prováveis dos outros com os quais possam interagir, e aqueles cujas ações precisam ser antecipadas precisamente porque o que estes outros podem fazer pode ou irá influenciar os resultados de nossas próprias ações.

Se podemos dizer que a ênfase de Hayek no papel dos preços na economização e disseminação de informações no contexto no qual indivíduos poderiam utilizar melhor aquele conhecimento especial e particular que possuem e que outros não possuem, refinou e ampliou a análise de Mises dos preços para o propósito do cálculo econômico, o mesmo poderia ser dito a respeito da concepção de Mises dos “tipos ideais”, em que completou um elemento faltante na teoria de Hayek dos preços como um mecanismo de comunicação.

Isto é, o que os preços repassados aos respectivos atores no mercado estão lhes dizendo? Em outras palavras, os preços precisam ser interpretados para saber o que podem estar dizendo a alguém sobre as ações dos outros, aos quais precisa responder de alguma forma. Todo vendedor acumula em sua mente “imagens” ou tipificações daqueles com os quais ele interage regularmente no lado da demanda ou da oferta. Utiliza esses “tipos ideais” para decidir se uma mudança de preços é permanente ou temporária; se significa que os consumidores estão interessados em algumas novas características do produto que comercializa; ou se reflete alguma atividade competitiva nova por parte de um rival, ao qual precisa responder⁶⁸.

Quando, em “*The Use of Knowledge in Society*”, Hayek referiu-se ao conhecimento especial da época e lugar particular que pertence somente a cada indivíduo em seu próprio nicho específico no sistema ampliado de divisão do trabalho, um dos aspectos desse conhecimento é o complexo de tipificações ideais que, digamos, um empreendedor formou em sua mente a partir das interações com os compradores específicos com os quais normalmente lida e com os vendedores espe-

⁶⁶ MISES. *The Ultimate Foundations of Economic Science*. p. 50.

⁶⁷ MISES. *Theory and History*. p. 313.

⁶⁸ Para uma explicação mais detalhada e uma análise dos usos do “tipo ideal” para construir uma teoria “austríaca” das expectativas e da sua formação, ver: EBELING, Richard. *Toward a Hermeneutical Economics: Expectations, Prices, and the Role of Interpretation in a Theory of the Market Process*. Reimpresso em: PRYCHITKO, David L. (Ed.). **Individuals, Institutions, Interpretations: Hermeneutics Applied to Economics**. Brookfield: Avebury, 1995 [1986]. p. 138-153; EBELING, Richard. *Cooperation in Anonymity*. Reimpresso em PRYCHITKO, David L. (Ed.). **Individuals, Institutions, Interpretations: Hermeneutics Applied to Economics**. Brookfield: Avebury, 1995 [1987]. pp. 81-92; EBELING, Richard. *Expectations and Expectations-Formation in Mises’ Theory of the Market Process*. In: BOETTKE, Peter J. & PRYCHITKO, David L. (Eds.). **The Market Process: Essays in Contemporary Austrian Economics**. Brookfield: Edward Elgar, 1994. p. 83-95; EBELING, Richard. *Friedrich A. Hayek: A Centenary Appreciation*. **The Freeman**: Ideas on Liberty (May 1999b): 28-32.

cíficos contra os quais compete regularmente. Estas imagens antecipatórias, derivadas da experiência de mercado, permitem a formação de expectativas para tentar coordenar nossas próprias ações com aquelas dos outros. “Desapontamentos”, “erros” e “fracassos” geram mudanças (na margem) nas tipificações ideais que cada um está utilizando nas direções que esperançosamente reduzem ações ou respostas de descoordenação no futuro.

Assim, a agenda “subjetivista” é ampliada do entendimento da lógica da ação e da escolha para a formação de expectativas, para o entendimento de como os atores podem coordenar melhor suas atividades com base nas comunicações proporcionadas pelos preços formados no mercado competitivo.

CONCLUSÕES

Dois pensadores quase nunca pensam exatamente da mesma maneira. Isto não é menos verdadeiro mesmo entre aqueles que podem compartilhar ideias filosóficas, metodológicas e teóricas comuns. Mises e Hayek não eram cópias em carbono um do outro⁶⁹. Ainda assim, suas contribuições podem ser

⁶⁹ Diferenças que podem ser encontradas nas abordagens de Mises e Hayek para a economia em geral e a Economia Austríaca em particular têm sido enfatizadas por: SALERNO, Joseph T. Mises and Hayek Dehomogenized. **Review of Austrian Economics**, Vol. 6, No. 2 (1993): 113-46. Entretanto, penso que um argumento mais forte pode ser feito sobre as similaridades serem maiores do que as diferenças, se mantivermos em mente o ponto de partida “mengeriano” comum a ambos: individualismo metodológico e subjetivismo; o mercado como um processo dinâmico ao longo do tempo, ao invés de um foco sobre um estado final de equilíbrio de mercado; atenção à complementaridade do capital e à estrutura temporal da produção; e muitas instituições sociais e de mercado como o resultado acumulativo da evolução societal não-pretendida. Para uma interpretação que se concentra mais nas “complementariedades” das suas contribuições dentro da tradição austríaca, ver KIRZNER, Israel M. **The Meaning of Market Process: Essays in the Development of Modern Austrian Economics**. New York: Routledge, 1992. p. 119-36.

vistas como “complementares” em vez de “substitutas”. De fato, é difícil imaginar como Hayek, o economista e o filósofo social teria sido possível sem Mises, o grande construtor “subjetivista” de sistemas, os elementos que geralmente tornaram-se o ponto de partida e o desafio intelectual para Hayek “confundir” na direção de conclusões não muito diferentes, e frequentemente elaborações refinadas, daquelas de seu mentor⁷⁰.

Para Mises, Hayek foi certamente seu “aluno” mais valioso, se não, conforme observou Hayek, no sentido literal. Juntos, suas contribuições são, de fato, a base e o marco para a totalidade do edifício da Economia Austríaca moderna. Dizer que, em muitos de seus aspectos, eram as ideias de Ludwig von Mises que estavam sendo desenvolvidas, não diminui a importância da obra de Hayek. ∞

⁷⁰ Ver HAYEK & KLEIN (Ed.). **The Collected Writings of F. A. Hayek**, Vol. 4. p. 158: “Devo admitir que, com frequência, eu mesmo não pensei inicialmente que seus argumentos eram completamente convincentes, e somente muito lentamente aprendi que ele estava certo na maior parte das vezes e que, após alguma reflexão, poderia-se encontrar alguma justificativa que ele não tivesse explicitado”.